

# O MINHO CAMILIANO NO ROMANCE «A BRASILEIRA DE PRAZINS»

por

José Luís Lima Garcia\*

## 1. CENAS DO MINHO CAMILIANO

### 1.1. Das paisagens célticas à gastronomia atlântica

«– Bom povo! excelente povo! Este Minho é o bom coração de Portugal, e os seus habitantes, segundo me consta, possuem os melhores corações do reino. Eram dignos de ser mais felizes do que são, carregados por tributos, esmagados pelo peso dos empregados públicos, que são o flagelo de Portugal.»

Camilo Castelo Branco, *A Brasileira de Prazins (Cenas do Minho)*,  
Lisboa, Círculo de Leitores, 1983, p. 129.

Onde a terra acaba e o mar começa poderia ser a caracterização sobre a província mais a noroeste desta Ibéria multissecular. Emergida de uma finisterra bordejada por um Atlântico furioso sempre pronto, das suas húmidas brumas, a gerar uma pluviosidade copiosa em terras de pinhais, vinhedos e milheirais verdejantes. Uma ocupação territorial intensa e omnipresente tornara o minhoto um agente activo da Natureza, pródigo em amanhar as terras, apascentar o gado leiteiro e em negociar em feiras e romarias ciclicamente realizadas todo o ano por esse recanto peninsular. Na opinião do geógrafo Orlando Ribeiro «*estes mesmos litorais serão os últimos redutos da ocupação céltica fortemente marcada nas crenças e nos usos dos povos do oeste peninsular*»<sup>1</sup>. Fora, pois, neste contexto

---

\* Professor-Adjunto da Escola Superior de Educação da Guarda. Mestre em História dos séculos XIX e XX pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>1</sup> Orlando Ribeiro, *Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1986, p. 105.

espacial eivado de paganismo e primitivismo rural que o romancista de S. Miguel de Ceide integrara as personagens e as tramas das suas estórias romanescas, à semelhança, aliás, do que acontecera, também, com o romance de Prazins, como passaremos a transcrever: «*Conversou-se este diálogo debaixo de um castanheiro frondoso, com um pavilhão de folhagem gorjeado de pássaros, com uns tons de luz esverdeada, na doce placidez crepuscular de uma tarde de Agosto, entre dois homens de tamancos, arremangados, com os peitos cabeludos a negrejar dentre os peitinhos da camisa surrada de suor e poeira, brutos no gesto e na frase*»<sup>2</sup>.

A sombra apetitosa de um castanheiro num Agosto quente, constrararia de certo modo com os aguaceiros oceânicos que se repercutiam nas pequenas intercadências batidas a sul pelo vento, conforme a descrição impressionista de Camilo: «*por fim, as cristas da serra empardeceram, as nuvens rolavam pelos declives como escarcéus a despenharem-se, fechou-se o horizonte sem uma nesga, e a chuva não parava*»<sup>3</sup>. Seria neste ambiente, rodeado de cumeadas e de nuvens prenhes de pluviosidade, que se integraria esta civilização agrária de castros e citânias assente no pastoreio do gado e na policultura de regadio, nas cabanas de xisto e granito, as “*pallazas*”<sup>4</sup>, nos carros de bois de rodas chiantes e nos celeiros erguidos sobre pilares, os muito conhecidos espigueiros, símbolo desta civilização de milheirais. E no Minho a designação deste cereal toma várias acepções (milho grosso, maçaroca, milho ou milho maez), para se diferenciar do milho alvo tradicional e, conjuntamente, com o centeio constituem a mistura cerealífera necessária ao fabrico da broa e do pão tradicional<sup>5</sup>. Se associarmos ao plantio destes cereais, a plantação de corrimãos de vinhas e latadas de castas tão importantes como a do alvarinho, aliadas aos pastos em pousio para a alimentação de pachorrentos bovinos, teremos traçada a paisagem donde sairá a dieta alimentar das populações minhotas tão perspicazmente descrita por Camilo neste romance sobre o noroeste peninsular: «*Sardinhas de escabeche? Se gosto!... Vamos a elas que estão a dizer: comei-me. E atirou-se às sardinhas com uma sofreguidão pelintra. Depois, serviu-lhe rodela de salpicão com ovos. Sua Majestade gostava muito destas comezainas nacionais. Já tinha comido tripas, e dizia que no exílio se lembrara muitas vezes desta saborosa iguaria com feijão branco e chispe, que tinha comido em Braga. O abade de Calvos sensibilizava-se até às lágrimas quando via el-rei a esbrugar uma unha de porco e a limpar as régias barbas*

<sup>2</sup> Camilo Castelo Branco, *A Brasileira de Prazins (Cenas do Minho)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1983, p. 37.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 129.

<sup>4</sup> Estes exemplares de xisto e granito concentram-se, sobretudo, na Galiza Central aproximando-se pela planta e pelo aspecto das antigas casas dos castros. Vid. Michel Drain, *Geografia da Península Ibérica*, Lisboa, Livros Horizonte, Sem Data, p. 91.

<sup>5</sup> Orlando Ribeiro, *Op. Cit.*, p. 117.

*oleosas das gorduras suínas. O terceiro prato era vitela assada. A senhorinha trazia-lha no espeto, porque sua Majestade gostava de ir trinchando finas talhadas, enquanto a cozinheira, de cócoras ao pé do fogareiro, conservava o espeto sobre o brasido, a rechimar, a lourejar. Bebeu harmonicamente o real hóspede um vinho branco antigo, da lavra de um fidalgo de Braga, proprietário do Douro, que estava no segredo do ditoso abade de Calvos – capelão-mor de el-rei e dom prior eleito de Guimarães... Por fim, vinha o café. As fatias eram torradas ali, no fogareiro. Sua Majestade barrava-as de manteiga nacional – preferia a manteiga do seu país, como a vitela, e o lombo do porco no salpicão português, e o pé do porco nas tripas também portuguesas – tudo do seu país... No fim do copioso almoço, el-rei fumava charutos espanhóis, de contrabando; desabotoava o colete, dava arrotos, repoltreava-se na cadeira de sola um pouco desconfortável, e vaporava grandes colunas de fumo que se espiralavam até ao tecto»<sup>6</sup>.*

## 1.2. Das crenças messiânicas tradicionais ao falso D. Miguel de S. Gens

Na Idade Contemporânea, especialmente no século XIX, o messianismo como crença política baseava-se na liderança de um homem capaz de acabar com os abusos e o sofrimento dos mais pobres e incapacitados<sup>7</sup>. Esta obsessão e apego ao aparecimento de certas figuras carismáticas do passado ou a procura porfiada de novas figuras ligadas a profecias, milagres, sinais do céu, levava, aliás, a que um estrangeiro de visita a Portugal pudesse concluir com uma certa ironia que «*metade dos Portugueses, eram cristãos novos e aguardavam a chegada do Messias, e, a outra metade esperava ansiosamente por D. Sebastião*»<sup>8</sup>. Esta dicotomia simbólica entre messianismo de origem religiosa e política confundira-se em Portugal até ao final do Antigo Regime e só a eclosão do novo regime constitucional, saído da revolução liberal de 1820, acabara com o poder absoluto dos reis emanado directamente de Deus. Quando este esquema político foi substituído pelo poder real confirmado em eleições pelas Cortes, livremente apoiadas pelo veridicto dos diversos estratos sociais, houve uma parte da população atingida, nomeadamente o clero, a nobreza e as classes populares mais incultas, que se apegaram a uma personagem messiânica para poderem voltar a restaurar a ordem social do

<sup>6</sup> Camilo Castelo Branco, *Op. Cit.*, pp. 76 e 77.

<sup>7</sup> José Van den Besselaar, *O Sebastianismo – História Sumária*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – ICALP, Biblioteca Breve, nº 110, 1987, p. 13.

<sup>8</sup> Citado por Rui Aragão, *Portugal: o Desafio Nacionalista*, Lisboa, Editorial Teorema, 1985, p. 204.

passado. D. Miguel, um dos filhos de D. João VI, fora pelo seu perfil absolutista a pessoa indicada para canalizar este descontentamento contra D. Pedro, seu irmão, evitando que as ideias liberais pudessem proliferar e conquistar terreno à estrutura mental e política que durante tantos séculos dominara o imaginário português. Fora, neste sentido da intransigência dos miguelistas a qualquer regeneração das tradições portuguesas que, durante as revoltas da Maria da Fonte e da Patuleia, a população começara por reclamar de uma personagem messiânica que a libertasse das arbitrariedades cabralistas, nomeadamente da obrigação dos mortos serem enterrados fora dos lugares santos das igrejas ou, ainda, da obrigação ao cadastro obrigatório das parcelas fundiárias do norte de Portugal. Sintomática fora a linguagem do romancista, na obra que agora analisamos, sobre o retorno deste príncipe da dinastia de Bragança a certas regiões do Minho, qual Messias libertador: «*Naquele ano, por meado de 1845, espalhará-se no ambiente dos realistas, como um aroma de jardins floridos, o boato de que vinha o Senhor Dom Miguel. O seu enorme partido sentia-se palpitar no anseio daqueles vagos anelos que estremeciam as nações pagãs ao vizinhar-se o profetizado aparecimento do Messias*»<sup>9</sup>.

Este aspirar pelo regresso de D. Miguel, que Camilo tão bem soubera explorar no seu romance, para urdir toda aquela trama brincalhona de um falso monarca de S. Gens, que viera a aparecer num dia de Entrudo, baseara-se, de facto, em acontecimentos verídicos, que um miguelista arrependido, como tinha sido Camilo, soubera aproveitar, tendo como fonte o testemunho real de um ilustre cavaleiro da Póvoa de Lanhoso: «*Como seria de mau gosto inventar este episódio, imponho-me o dever de afirmar que estas notícias me foram transmitidas por um ilustrado cavaleiro da Póvoa de Lanhoso, o sr. José Joaquim Ferreira de Melo e Andrade, da casa nobilíssima dos Argas, falecido com mais de oitenta anos de idade, em 1881. Conquanto a imprensa contemporânea, que eu saiba, não falasse no pseudo D. Miguel, as revelações do ancião de Lanhoso merecem-me e são dignas de toda a confiança*»<sup>10</sup>. O mesmo facto fora, ainda, referido a Camilo pelo padre Casimiro, célebre guerrilheiro da Maria da Fonte, numa carta, de 11 de Novembro de 1882, remetida da sua casa da Alegria, no concelho de Felgueiras: «*Eu apenas posso dizer a você que foi verdade ter estado o tal impostor oculto em casa do abade, porque ele mesmo mo disse; mas nada lhe perguntei a tal respeito, por me lembrar que ele teria vergonha de se deixar enganar, depois de lhe ter beijado a mão muitas vezes, no tempo de estudante e seminarista, quando o Senhor D. Miguel esteve em Braga, a ponto de se ter tornado saliente para o*

<sup>9</sup> Camilo Castelo Branco, *Op. Cit.*, p. 47.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 57.

*mesmo Senhor D. Miguel, como o mesmo abade me contou também, mas por isso mesmo nada mais posso acrescentar»<sup>11</sup>.*

Esta «*short story*» valorizara muito mais a intriga romanesca deste romance sobre *A Brasileira de Prazins*, não só porque se baseara em documentos e testemunhos orais da época, mas também porque fora buscar uma estória narrada com todos os pormenores picarescos, a ponto de vir a provocar a hilaridade dos protagonistas depois de ter sido desmascarado o falso monarca absolutista. Este, Veríssimo Borges de Camelo Mesquita, “*reinara*” ao Entrudo durante algumas horas, criando falsas expectativas aos seus súbditos nortenhos, levando o juiz conselheiro Fortunato Leite a ilibá-lo e a produzir um acórdão, nas palavras do escritor, pleno de graça, autoridade moral e pedagogia jurídica: «*Que a pronúncia fora iníqua, atabafada apaixonadamente, e sem base, visto que nada se colhia dos depoimentos das testemunhas, e apenas se fez obra por hipóteses e indícios, fundada em um rol de indivíduos alarves a quem o suposto monarca fazia mercês de comendas, de títulos, de patentes e até de mitras, sem que daí resultasse alvoroço nem leve perturbação na ordem pública, nem mesmamente dano para os mencionados burros que pediam as mercês, e que deviam ser pronunciados em primeira instância, se a corte de S. Gens de Calvos, não fosse uma farsa de Entrudo»<sup>12</sup>. E, realçados os considerandos, que não comprovaram de facto a culpa do réu folião, o juiz relator, concluíra, nas palavras corrosivas de Camilo: «*que seria bom e proveitoso que nas terras selváticas do Minho se espalhassem muitos Miguéis daquela casta e feitio até que os novos sebastianistas se convencessem de que somente assim poderiam arranjar um Miguel que lhes desse comendas, títulos, postos militares e prelações»<sup>13</sup>.**

### 1.3. A Religião: Do Panteísmo aos Exorcismos

Segundo Cunha Leão, «*a natureza é sempre o degrau que leva a Deus os galegos portugueses*»<sup>14</sup>. Deste modo, a ligação do homem noroestino a uma entidade sobrenatural, passaria de facto por um panteísmo pagão integrado num naturalismo exuberante e policromático, donde ressaltaria, sempre, o verde, quer do arvoredado dos bosques de carvalhos, castanheiros e pinheiros, quer de prados, vinhedos e milheirais, em mancha de um impressionismo humanizado e acolhedor. Para o etnólogo Jorge Dias, a religião encontra-se dotada destas caracterís-

<sup>11</sup> *Idem.*

<sup>12</sup> *Idem*, p. 136.

<sup>13</sup> *Idem.*

<sup>14</sup> Cunha Leão citado por Rui Aragão, *Op. Cit.*, p. 199.

ticas naturalistas, erguendo-se à imagem e semelhança do homem que a vem servindo, não se vislumbrando «nas aldeias portuguesas essas igrejas enormes e solenes, tão características da paisagem espanhola, que na sua imponência apagam a nota humana. A igreja portuguesa, ora caíada e sorridente entre ramadas, ora singela e sóbria na pureza do granito, é simplesmente a casa do Senhor. É sempre um templo acolhedor, habitado por santos bons e humanos. Não se vêem os Cristos lívidos e torturados de Espanha. A sensibilidade portuguesa não suporta essa visão trágica e dolorosa. A prova mais evidente deste sentimento humano e terreno da nossa religiosidade verifica-se na extraordinária expansão do estilo românico, com o seu arco singelo bem apoiado na terra, e na falta de assimilação do estilo gótico»<sup>15</sup>.

Também, a religião, para Camilo, tomara neste romance a expressão terrena, sobrepondo-se de entre a ruralidade boçal das aldeias, simples e recônditas, para o cosmopolitismo urbano de algumas vilas e cidades minhotas. Nesta dicotomia entre campo e cidade, poderemos encontrar, como paradigma do pároco de aldeia, o reitor de Caldelas, o padre Osório, que passara por ser «um velho triste, que não teve mocidade, nem as ambições que suprem os doces afectos do coração mutilados pelo cálculo ou congelados pelo temperamento»<sup>16</sup>. Havia trinta e dois anos que esta criatura de Deus se devotara aos seus paroquianos, não existindo mordomo ou confraria festeira que o não tivesse solicitado para recriar o profano festivo, em sagradas prédicas, aonde o panegírico aos santos mais acarinhados, resultara em afirmações tão curiosas como esta: «Deus era tão bom, tão providente, que dera à condição enfermiça do homem forças vitais, sobressalentes, que resistiam à destruição; e que a natureza, grande milagre do seu Criador, só de per si era bastante para si mesma se restaurar»<sup>17</sup>.

Do outro lado, na sede urbana do arcebispado debutavam «os cónegos mais assanhados» pelos ideais realistas «chocados no seio de Carlota Joaquina»<sup>18</sup>, conjuntamente com fidalgos, grandes proprietários, e em oposição a estes, os liberais, constituídos por bacharéis, empregados públicos e professores. Este mosaico socio-profissional repartido entre conservadores e liberais fora, um pouco, o reflexo da sociedade portuguesa, seis décadas depois da eclosão do liberalismo em Portugal e do derrubar da sociedade do Antigo Regime, encarnada pela monarquia absoluta e providencialista do século XVIII. Este confronto apaixonado de ideais políticos, que terminara numa guerra civil fratricida, não deixara incólui-

---

<sup>15</sup> Jorge Dias, *Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Coleção O Essencial, nº 6, 1986, p. 38.

<sup>16</sup> Camilo Castelo Branco, *Op. Cit.*, p. 29.

<sup>17</sup> *Idem.*

<sup>18</sup> *Idem.*, p. 109.

mes, nem as populações noroestinas, nem o clero que as servia. Repartidos entre dois ideais, o clero do Minho tomara uma posição claramente a favor dos ideais conservadores e miguelistas, a ponto de Camilo Castelo Branco traçar de uma forma sarcástica o retrato daqueles padres inebriados com o aroma destes novos redentores: «*Fr. Gervásio recebia do alto da província cartas misteriosas duns padres que paroquiavam na Póvoa do Lanhoso e Vieira. Era ali o foco latente do apostalado. Naqueles estábulos de ignorância supersticiosa é que devia aparecer, pelos modos o presépio do novo redentor*»<sup>19</sup>.

A crítica a estes manipuladores da ignorância alheia fora ao ponto de o romancista, pela voz de uma personagem, neste caso o juiz da comarca de Lanhoso, ao proferir a sentença, no julgamento de um folião, que num dia de Entrudo se fizera passar por D. Miguel, chamar, ao clérigo instigador deste «*fait divers*», «*um estúpido e esturrado miguelista*»<sup>20</sup>. Mas, o anti-clericalismo, em relação a este clero provinciano, denotava-o, também, Camilo, na obra em análise, noutras situações, como aquela em que o escritor se referira à vulnerabilidade dos mesmos pelos prazeres epicuristas da carne, tradição, aliás, vinda das mais antigas gerações da monarquia lusitana: «*D. Águeda fazia concessões à fragilidade do clero; que seu sexto avô também fora bispo e pai de sua quinta avó, por Camelos. O parente abade de Lobrigos, em confirmação das preclaras linhagens de coitos sacrílegos, afirmava que a sereníssima Casa de Bragança descendia de padres pelo pai de D. Nuno Álvares Pereira, que era prior do Crato, e pelo avô, o padre Gonçalo, que fora arcebispo de Braga; e que os condes de Vimioso e Atalaia, e todos os Noronhas oriundos de certo arcebispo muito devasso de Lisboa, e muitas outras famílias da corte descendiam de prelados*»<sup>21</sup>.

Para que o retrato destes «*pastores*» de almas simples e rudes ficasse completo, Camilo caracterizava, no final do romance, um dos aspectos mais «*tabus*» desta igreja teleológica e monoteísta, implantada num contexto de um panteísmo sentimental, que por vezes ultrapassava o limite do natural e se questionava sobre fenómenos misteriosos, que a razão acabava por não saber explicar. Estas heterodoxias místicas e populistas confrontavam-se com aquela religião oficial que, embora mantendo o mesmo Deus, se mantivera ortodoxa, não respeitando a variedade e a diversidade daquele «*mundo por ele criado*»<sup>22</sup>. Marta, a «*brasileira*» de Prazins, a personagem principal deste romance, fora desde pequena epiléptica, e ao que tudo indicava, pela trama camiliana, também se denotava nos seus antepassados problemas de desequilíbrio e disfunção comportamental. Este

<sup>19</sup> *Idem*, p. 47.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 136.

<sup>21</sup> *Idem*, pp. 114 e 115.

<sup>22</sup> Jorge Dias, *Op. Cit.*, p. 42.

determinismo fisiopsiconeurológico, que a medicina não conseguira dar cura em Marta, tinha vindo a ser atenuado pela intervenção de Frei João, confessor particular da doente, que a certa altura se convencera que a confessada «*estava obsessa e que as suas visões deviam ser malfetorias de demónio incubo*»<sup>23</sup>. Este comportamento inadequado, para uma cristã zelosa dos mandamentos da Sagrada Igreja, só poderia ser combatido e devidamente afastado pelos rituais da estola, água benta e latim, muito embora os próprios clérigos reconhecessem o sentido da dúvida cartesiana, quanto ao contexto teológico de um maniqueísmo simplista se poder repartir unicamente por Deus e pelo Diabo: «*Se Deus é bom, as suas criaturas não podem ser más; ora, o demónio é mau: logo, o demónio não pode ser criatura de Deus, pergunto eu o mesmo que um negro da África perguntava ao missionário: quem é o pai do diabo?*»<sup>24</sup>. Para Frei João de Borba da Montanha, personagem carismática desta saga camiliana, os sintomas da possessão demoníaca poderiam passar pela audição de vozes durante o sono, o fastio pela carne e pelo pão, e tornar-se-iam os motivos para um ritual de exorcismos, em que as objurgações ou as perguntas feitas ao Diabo poderiam fazer despoletar um diálogo tão interessante como este: «*Dize, maldito demónio, serpente insidiosa, conheces que foste criado anjo alumiado de muitas prendas, e que pela tua soberba te perdeste? Sabes que, repulso do paraíso, perdeste para sempre a graça de Deus?*»<sup>25</sup>.

Camilo descreveu-nos, assim, desta forma desenvolta esta Igreja minhota que, para se afirmar como valor teológico e doutrinal, se tem que haver com a outra, ainda, fortemente marcada pelos preconceitos, tradições e superstições populares.

#### 1.4. Do Brasil ao noroeste Peninsular: o retorno do filho pródigo

No século XIX fora dominante a emigração portuguesa transoceânica, nomeadamente para a América do Sul, tendo sido o Brasil um dos destinos obrigatórios da população localizada a norte do rio Tejo, especialmente da região de Entre-Douro-e-Minho. Esta região, ao apresentar elevados índices demográficos, conjuntamente com pequenas parcelas fundiárias de exploração intensiva, tinha criado os factores socio-económicos favoráveis à diáspora, a ponto de, segundo números da Secretaria de Estado da Emigração e das Comunidades referentes a

---

<sup>23</sup> Camilo Castelo Branco, *Op. Cit.*, p. 200.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 201.

<sup>25</sup> *Idem*, p. 210.



1981, ainda hoje, o Brasil, ser de longe o país com mais portugueses residentes no estrangeiro, cerca de um milhão e duzentos mil cidadãos nacionais. A tradição de emigrar, para esta antiga colónia do Atlântico, tem-se mantido desde a sua colonização no século XVI, apesar desta diáspora se ter incrementado, sobretudo, a partir do século passado. Deste modo, o regresso destes emigrantes noroestinos, se bem que tardio, fora uma constante estrutural de todos os tempos, muito embora só retornassem aqueles emigrantes que tivessem conseguido um significativo sucesso económico e prestígio social, resultando deste facto o estereótipo do «brasileiro», ainda hoje motivo de chacota e inveja por parte dos seus conterrâneos.

Este facto levava os escritores oitocentistas, nomeadamente Camilo Castelo Branco, a traçar nos seus escritos um perfil pouco lisonjeiro destes retornados bem sucedidos, que um dia, por falta de condições económicas na terra natal, foram obrigados a atravessar o Atlântico e a fixarem-se em regiões sertanejas mais favoráveis em recursos e oportunidades. Significativas de sucesso eram as notícias deste minhoto abrasileirado, personagem central deste romance realista de Camilo: «*Por esses dias chegou carta de Pernambuco, incluindo ordem, primeira via, quarenta e oito mil réis, dez moedas de ouro. Feliciano mandava doze mil réis para as arrecadas da sobrinha, e o resto ao irmão. Dizia-lhe que estava a liquidar para vir, enfim, descansar de vez – que já tinha para os feijões. Recomendava-lhe que fosse deitando olho a uma ou duas quintas que se vendessem até trinta ou quarenta mil cruzados; que se ainda houvesse conventos à venda, os fosse apalavrando até ele chegar*»<sup>26</sup>. As alvíssaras para o irmão e sobrinha e, finalmente, a vontade de aplicar o dinheiro disponível em uma ou duas quintas, poderiam ser a forma mais pragmática de fazer render o dinheiro tão esforçadamente ganho em terras estranhas. Mas, o perfil do «brasileiro de Prazins» seria tratado com muitos outros pormenores, no decorrer deste romance camiliano.

O Feliciano da Retorta, retornara de facto da América do Sul, mas demorara-se pouco tempo na sua terra natal, Prazins, visto que regressara no período conturbado das guerrilhas anti-cabralistas, procurando, enquanto persistira esta fase de instabilidade política, estar a bom recato, indo viver para a cidade do Porto. Quando, finalmente, os Cabrais caíram, e o emigrante «capitalista» vira garantidas as condições de investimento para o seu dinheiro e a garantia da salvaguarda do seu património imobiliário, deslocara-se, então, definitivamente, para Prazins: «*Feliciano tinha quarenta e sete anos. Não se parecia com a maioria dos nossos patrícios que regressam do Brasil com uma opulência de formas almofadadas de carnes sucadas. Era magro esqueleticamente, um organismo de poeta sugado pelos vampiros do «spleen». Dizia, porém, que tinha febras de aço*

---

<sup>26</sup> Camilo Castelo Branco, *Op. Cit.*, p. 39.

*e nunca tomara remédios de botica»<sup>27</sup>. Neste ponto de vista, Feliciano não correspondia ao perfil opulento dos brasileiros regressados, mas até esta exceção parecia confirmar a regra de que, magros ou gordos, eles tiveram uma única obsessão, enquanto permaneceram no Brasil, trabalhar o mais possível, para ganhar mais e mais dinheiro: «Muito míope, usava de monóculo redondo num aro de búfalo barato. Como era económico até à miséria, dizia-se em Pernambuco que o Feliciano usava um vidro só para não comprar dois; e que, se pudesse, venderia um olho como cousa inútil»<sup>28</sup>.*

Neste aspecto da sovinice, assentara Camilo o seu espírito de mordacidade em relação aos «brasileiros», neles incluindo o próprio Feliciano que, para poupar nos óculos, só usara um vidro, vendendo possivelmente o outro olho, que entretanto deixara de ter utilidade, para ganhar mais dinheiro. Outro aspecto irónico, e até malicioso, no perfil que Camilo fizera, a respeito deste «brasileiro», fora sobre o sentido estóico do dever, que não permitia devaneios amorosos de qualquer tipo com as suas empregadas, de quem ele como usufrutuário, fora senhor do destino a dar às atitudes e aos comportamentos daquela mão-de-obra na sua dependência, mesmo nas horas de lazer: «Chegara aos quarenta e sete, ao outono da vida, sem ter amado. Nunca se conspurcara nos latíbulos da Vénus vagabunda. A sua virgindade era admirada e notória; depunham a favor dela os seus caixeiros, os feitores e – o que mais é – as suas escravas. Os seus patrícios devassos chamavam-lhe o Feliciano «Pudicício». Ele não se envergonhava de confessar a sua castidade ao pároco de Caldelas. Tinha vivido como um dessexuado; que trabalhava muito nos seus armazéns, que dormia poucas horas, e não dava folga ao corpo nem pega aos vícios. Originalíssimo. Que lhe saíram casamentos ricos; mas que ele para ser rico não tinha precisão de mulher»<sup>29</sup>. Este aspecto dessexuado do Feliciano, de Prazins, para além de revelar uma obsessão pelo trabalho, revelava também uma desconfiança nas pretendentes brasileiras que, ao desejarem o casamento consigo, almejavam a riqueza e o prestígio social por acréscimo. Fora, em Marta, que Feliciano apostara, muito embora a sobrinha não tivesse sido um modelo de virtudes, visto já ter vivido uma paixão intensa com o José de Vilalva, por quem, ainda, continuava a suspirar. Sofria, também, de ataques de epilepsia que, gradualmente, aumentaram quando se apercebera que o tio a queria desposar.

O casamento do «brasileiro» Feliciano fizera-se, apesar de todos os agravos e reticências que Marta, sua noiva, mostrara em relação a esta união consanguínea, só tendo cedido à consumação do mesmo, quando vira o pai gravemente ferido

<sup>27</sup> *Idem*, p. 153.

<sup>28</sup> *Idem*.

<sup>29</sup> *Idem*, pp. 153 e 154.

rogar-lhe para que se casasse com o tio. Casamento sem história, aliás, a não ser a história clínica da cónjuge, que ora o repelia, ora lhe permitia as intimidades necessárias à consecução de uma esposa fértil cinco vezes, para felicidade do progenitor que, ao sentir aumentar a prole, esfregava as mãos de contentamento, por reconhecer que no Minho, a província portuguesa onde os surtos demográficos foram maiores, os filhos vindos seriam sempre uma «*benção de Deus*» e, ao mesmo tempo, um reforço na mão-de-obra da economia doméstica das quintas e dos minifúndios.

Para o retrato desta personagem, de certo modo fascinante, mais pelos defeitos, do que pelas virtudes, ficar composto, resolvera, entretanto, Camilo fazer-lhe um derradeiro perfil, já depois de Feliciano ter envelhecido: «*Aí tem o brasileiro de Prazins, se nunca o viu – dizia-me há três meses o padre Osório mostrando-me no mercado de Famalicão um velho escanifrado, muito escanhoado, direito, com o monóculo fixo, vestido de cotim, com um guarda-pó sujo, esfarpelado na abotoadura, e uma chibata de marmeleiro com que sacudia a poeira das calças arregaçadas. Tem oitenta e quatro anos – continuou o Vigário de Caldelas –, veio a pé de sua casa, que dista daqui légua e meia, janta um vintém de arroz, bebe, outro vintém de vinho, tem quinhentos contos, e volta para sua casa a pé, através ou pouco menos das suas catorze quintas. Com a frugalidade, com o exercício e com o seu egoísmo sórdido viverá ainda muito tempo*»<sup>30</sup>. Este retrato do «*Brasileiro de Prazins*» feito por Camilo Castelo Branco estaria quase completo, faltando apenas, em forma de remate final o escritor de Seide ir buscar o sarcasmo de Alexandre Dumas, para concluir acerca do perfil psicológico deste emigrante minhoto dos trópicos: Tal como ele, «*os egoístas e os papagaios viviam cento e cinquenta anos*»<sup>31</sup>.

## 2. CONCLUSÃO

À laia de remate, poderíamos interrogar-mo-nos, à semelhança do que fizera Camilo Castelo Branco no seu romance de costumes, acerca dos intuitos deste artigo sobre a cultura literária dos galaico-minhotos: – Será que, citando o autor da *Brasileira de Prazins*, «*deixaremos este mundo tolo e mau, tal qual era quando cá entrámos?*»<sup>32</sup>. Por outras palavras, o que é que este artigo veio acrescentar, de novo, ao que os outros camilianistas já disseram sobre o Minho e a personalidade colectiva destas populações do noroeste peninsular? Acrescentamos: só o recriar

---

<sup>30</sup> *Idem*, p. 219.

<sup>31</sup> *Idem*.

<sup>32</sup> *Idem*, p. 222.

a obra fundamental e pioneira do realismo literário português de oitocentos, serviu, para celebrar, aqui e agora, esta província de pródigas e verdes paisagens, aonde a terra acaba e o mar, sempre ele, nos levará a dobrar, uma vez mais, o promontório da utopia.